

## Capítulo II

As trilhas percorridas na construção

Ligia Amparo da Silva Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, LAS. As trilhas percorridas na construção. In: *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 50-68. ISBN 978-85-232-1170-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Capítulo II

As trilhas percorridas na construção



## Os desafios metodológicos

O presente estudo pretendeu investigar como mulheres e homens experimentam, sentem e agem sobre os fenômenos relacionados às práticas corporais e às práticas alimentares assim como as suas relações com o espaço urbano. Trata também das transformações e permanências destes fenômenos que têm ocorrido na cidade de Salvador nas últimas décadas. Para tanto, uma série de desafios foram enfrentados.

Um dos grandes problemas na definição de um objeto de estudo é a delimitação de suas fronteiras. Um primeiro desafio reside no fato de que o objeto em estudo não é um objeto “pré-definido” pela ciência, trata-se de um “objeto em construção”. Além disso, ele também é bastante impregnado pelas noções do senso comum. Afinal, comer é uma prática cotidiana considerada quase que banal e desprovida de interesse reflexivo. Colocá-lo dentro de um cenário científico, politizando a temática, é um exercício desafiador que tem sido realizado por muitos autores.

Soma-se a isso a tradição político-científica brasileira que tem tido, pela própria visibilidade e urgência do problema, as questões da fome e desnutrição como o grande foco de interesse das questões da alimentação, centrado nas classes populares. Destacaria ainda o pouco interesse político-científico da academia pelas investigações de segmentos e categorias sociais das camadas médias e elites (Velho, 2003).

Outro desafio metodológico está vinculado ao fato de ser um objeto contemporâneo que assume dimensões planetárias<sup>1</sup>. A sua extensibilidade global, interagindo com as questões locais, traz desafios de como trabalhar os fenômenos que se situam fora do trabalho de campo. Tem-se ainda, por ser um objeto fortemente presente no cotidiano, a abundância de informações sobre o mesmo. A primeira vista pode parecer uma vantagem, pode também representar um outro desafio para selecionar os aspectos centrais para o trabalho. Somaria também que, sendo um tema contemporâneo, é um tema marcado por sua dinamicidade estando assim em pleno movimento. Por todas estas questões, há uma fluidez nos limites do problema que se alarga e se estreita

impondo um processo de redefinição constante. Convém ainda ressaltar a importância dos estudos históricos contribuindo para um processo de “desnaturalização” do presente.

Uma outra questão desafiadora seria a reflexão do que é, de fato, um trabalho de campo no meio urbano, considerando as multiplicidades dos modos de vida que se sobrepõem neste espaço. Ainda teria a noção tradicional do trabalho de campo antropológico alimentado pela etnografia e a sua relação com objetos contemporâneos, com os tabus e mitos metodológicos vinculados a sua emergência nas sociedades tradicionais (Velho, 2003).

Ligado a isso, ressaltam-se as questões apresentadas por Velho (2003) quando se trata de um trabalho no meio urbano: a relação distância/proximidade e da familiaridade/estranhamento do objeto. Como estudar os outros quando os outros somos nós mesmos? Como interrogar com a devida distância o que é tão familiar? A suposta delimitação entre o sujeito da pesquisa e o objeto de estudo se fragiliza e precisa ser constantemente repensada. Ainda sobre os estudos sócio-antropológicos no meio urbano, há o desafio da heterogeneidade social, complexidade institucional e a coexistência de múltiplas tradições culturais que se expressam em diferentes visões de mundo, trajetórias e experiências vivenciadas que podem convergir ou estar em conflito.

Por fim, um último desafio a ser destacado é, relembando as dimensões planetárias que assume o problema e a obviedade de que todos os seres humanos possuem um corpo – o que, em primeira instância, é a presença do corpo que define a existência – e ainda, que todos estes seres humanos possuem as suas práticas alimentares para garantirem a sua existência; em tese, todos estariam potencialmente classificáveis para participar do universo empírico. O desafio consiste em como delimitar um universo empírico que garanta uma certa coerência dos participantes conjugada a uma mínima diversidade que possa alimentar o processo de análise do estudo e a iluminação das questões propostas.

Tendo em mente tais desafios, seguem os sucessivos recortes realizados até chegar ao universo empírico. As tentativas de respostas aos desafios apontados foram trabalhadas no decorrer do trabalho e não previamente definidas por critérios abstratos. O confronto com a realidade foi que produziu os recortes.

## O primeiro recorte: Salvador, a velha cidade da Bahia

### A cidade e os seus corpos

Tem-se como primeiro recorte o cenário da cidade de Salvador. Muito se teria a dizer sobre a Velha Cidade da Bahia de Todos os Santos e sobre os processos históricos que contribuíram para compreender a relação contemporânea com o corpo e com a comida dos baianos. No entanto, tal tarefa poderia se alargar e ultrapassar os limites deste trabalho. Desta forma, centraremos em alguns elementos que se pretende levar em consideração neste primeiro cenário geográfico e cultural do estudo.

A velha cidade da Bahia, a rica e ostensiva capital colonial e capital do Atlântico Sul durante os primeiros séculos após o descobrimento do Brasil, foi o mais importante entreposto comercial e cultural da base política lusitana neste período. Com a mudança da capital colonial para o Rio de Janeiro, juntamente com a decadência da lavoura canavieira, Salvador viveu mais de cem anos de abandono e ostracismo, situação que penetrou as primeiras décadas do século XX (Risério, 1993).

Deste modo, Salvador ficou à margem do movimento higienista que marcou o cenário do Rio de Janeiro – como também São Paulo – e do chamado processo de “reuropeização” propiciado pela chegada de Dom João VI, que trouxe as marcas britânicas e francesas para a cultura brasileira. Não houve também importantes fluxos migratórios que caracterizaram especialmente o eixo sul do país, conferindo uma certa estabilidade etnodemográfica na Região. As mudanças político-econômicas provocadas pela Revolução de 1930, também não modificaram o quadro da cidade e só veio a alcançá-la por volta dos anos de 1960 (Risério, 1993).

A “calmaria” baiana neste período foi bem retratada por diferentes personalidades. Estão presentes nos romances de Jorge Amado e nas canções de Dorival Caymmi esta estagnação econômica e lassidão social que, sem dúvida, ainda compõem o imaginário brasileiro sobre o que passou a ser chamada de “Boa Terra” ou ainda “Terra da Felicidade”. Pairou sobre Salvador e seu povo uma aura mística e paradisíaca que percorrem até os dias atuais como se estivesse situada fora do tempo e do espaço.

Tratar-se-ia aqui de uma espécie de “mito da baianidade”. Este mito está presente no imaginário social caracterizado pelo “relaxamento” dos corpos baianos em seus exercícios de corporalidades, a não atração pelo trabalho, a festividade, a hospitalidade, e a marca híbrida da mistura étnico-racial. Esta pode estar traduzida na sensualidade das personagens femininas de Jorge Amado, ou de Rita Baiana quando entra numa roda de samba no Rio de Janeiro retratada pelo Aluísio Azevedo em *O Cortiço*, nas tentativas de Dorival Caymmi em descobrir “o que é que a Baiana tem?”, ou ainda no encontro de Ary Barroso com a “*morena* mais formosa da Bahia” (morena talvez para não dizer negra. Grifo da autora). Pode também estar presente no corpo mulato, com as forças dos músculos hipertrofiados pelo trabalho braçal, dos estivadores e pescadores produzidos mais uma vez por Jorge Amado<sup>2</sup>.

Todavia, a partir dos anos de 1960, os ventos da modernidade sopraram na Baía de Todos os Santos: a BR 324, a Petrobrás, a Sudene, Centro Industrial de Aratu, o Pólo Petroquímico de Camaçari, dentre outros equipamentos sociais, foram destinados a “reatualizar” historicamente a cidade. Assim, Salvador começa a se “desprender” do seu passado e de suas tradições e procura engajar o seu vagão na locomotiva comandada nacionalmente pela cidade de São Paulo rumo à modernidade. Mais recentemente, na virada do século XX para o século XXI, Salvador já está com mais de dois milhões e meio de habitantes, sendo a terceira mais populosa cidade brasileira. O seu projeto em ser “moderna” se acentua, explorando novos equipamentos a exemplo da recente instalação da Fábrica Ford. Vale ressaltar que neste processo há uma importância capital dos empreendimentos turísticos, um dos carros chefes da sua economia.

Como o terceiro maior destino turístico do país, monumentais investimentos têm sido feitos para potencializar esta estratégia econômica e cultural. Um exemplo é a indústria altamente profissionalizada do Carnaval e do entretenimento nos verões baianos que atraem fortemente os turistas do Brasil e, cada vez mais, do exterior. Mais recente ainda, Salvador, através das empresas estatais de turismo, aposta em outras fontes como o “turismo cultural” para atrair mais turistas de classes médias e altas. A sua “bandeira” principal reside no fato de ter sido a primeira capital do Brasil, como expressa o slogan da empresa baiana oficial de turismo, a Bahiatursa: “Bahia, o Brasil nasceu aqui”.

Salvador tem buscado nas tradições históricas e culturais do seu povo, os elementos atrativos e está transformando-os em ícones turísticos. O “mito da

baianidade” parece ser reconstruído e modernizado com estes propósitos: trata-se de uma cidade mais do que alegre e sim eufórica<sup>3</sup>, alusão que parece ser bem apropriada ao clima baiano. Parece que Salvador tem se transformado em uma cidade hedônica no seu sentido moderno que vai além da “Terra da Felicidade”. Uma cidade que, ao mesmo tempo em que excita com sua intensa festividade, ela também relaxa com suas praias, redes e refrescantes águas de coco, como afirma um outro slogan da Bahiatursa: “Quer se divertir venha à Bahia, quer descansar venha à Bahia também”.

Contudo, estes ímpetos de modernidade pouco agregaram para alterar a situação sócio-econômica e étnico-racial dos soteropolitanos. Com suas relações de trabalho marcadas pelo legado dos quatro séculos de escravidão, o estigma do trabalho escravo parece ainda permanecer no *ethos* das relações sociais da cidade submerso às pretensões de modernidade. O novo e o velho se confundem. Salvador é uma cidade marcada pelas suas complexidades urbanas, e esta hipervalorização da cidade traz o risco de camuflá-las. Tais diferenciações sociais e étnicas se fazem presentes nos corpos dos soteropolitanos.

Ressalta-se ainda o peso da contribuição africana para a dinâmica da cidade e para a constituição das corporalidades. Os corpos africanos historicamente foram interditados pela escravidão, mas nem por isso impedidos de pensar, guardar e registrar a sua história nos corpos (Sodré, 2003). A tradição africana está fortemente presente na cidade, na sua estética e na forma de lidar com os corpos, na música, na culinária, nas artes plásticas, nas festas populares, o que, evidentemente, vale destacar mais uma vez, não exclui as contradições étnico-raciais em Salvador.

Com o fortalecimento do turismo, todas estas expressões culturais têm sido reinventadas, é uma baianidade de “alma negra” como um ícone turístico que, por vezes, desapropriada do seu *locus* para ser vendida nos cartões postais e nos pacotes turísticos. O “mito da baianidade” se atualiza, vão desde a afirmação da cultura afro-descendente com a festa da Beleza Negra do Bloco Ilê Ayê que elege a “Deusa do Ébano” até os embalos sensuais, com uma boa dose de apelo erótico, das dançarinas e dançarinos de setores de um estilo musical convencionalmente chamado de *axé music* – que quase sempre são louras e morenas, mas talvez de “alma negra”.

Pergunta-se o que é ser baiano e ser baiana, ou melhor, soteropolitano e soteropolitana neste contexto. Longe de querer discutir tamanha questão, vale lembrar a reflexão de Risério (2004) sobre este assunto ressaltando que “baiano”

é uma categoria histórica gerada na convergência de determinados processos sociais. Tal percepção de si próprio em um determinado espaço social configurando uma “gente” específica, ou seja, a invenção do povo baiano, só irá se completar entre os finais do século XIX, entrando no século XX, afirma ainda o autor supracitado. Já para Jorge Amado (1996, p. 25) poeticamente define que ser baiano pode também ser “um estado de espírito, certa concepção de vida, quase uma filosofia, determinada forma de humanismo”. Ainda é importante mencionar o papel da musicalidade baiana – no sentido mais amplo do termo – que percorre a imagem sonora da cidade e que garante uma mobilidade corporal cotidiana bem particular do seu povo.

## No tabuleiro da baiana

Para fins deste estudo, considerações também merecem a comensalidade baiana. A obra de Jorge Amado tem uma parcela de contribuição para a imagem da comida baiana pelas chamadas comidas de azeite. Na culinária de Dona Flor e mais recente na Cozinha da Dadá, pode-se perceber as cores fortes e festivas, os cheiros marcantes e os sabores picantes, recheados pelos frutos do mar, pela sensualidade e ainda um forte erotismo feminino. O acarajé é o seu ícone cultural maior, produzido pelas “bairras do acarajé” nos seus tabuleiros, cena que faz parte do cenário estético-visual das ruas e esquinas de Salvador.

Contudo, os ímpetus de modernidade têm proposto aos soteropolitanos a reavaliar as suas condutas corporais e alimentares resistindo assim, as tentações da sua culinária tradicional. Em estudo recente, observou-se que 26,9% dos adultos soteropolitanos são portadores de sobrepeso e 13,6% deles, de obesidade. Identificou-se ainda que 31,1% dos entrevistados deste estudo referiram fazer algum tipo de dieta e 52,4% referiram fazer restrição a algum tipo de alimento. A mais elevada restrição foi as das gorduras e frituras (69,3%), seguida pelos doces (36,1%), carne vermelha (21,3%) e sal (20,0%) (Assis e outros, 2002).

O padrão alimentar cotidiano de Salvador também tem passado por profundas transformações. Práticas de refeições no ambiente de trabalho, mudanças no papel feminino, ampliação das empresas de produção e comercialização de alimentos como as redes de supermercados que já compõem o universo da cidade são elementos importantes neste processo.



Por exemplo, o peixe, já não faz parte da mesa cotidiana dos soteropolitanos com tanta frequência como muitos imaginam. Neste mesmo estudo supracitado, observou-se que o frango é o alimento mais consumido, seguido do consumo da carne bovina, ovos e, por fim, o peixe. Além disso, a elevação da comida baiana a um ícone turístico tem trazido conseqüências: a produção do acarajé com um vínculo religioso - o candomblé - está ameaçada não só por outras religiões - os evangélicos têm entrado no ramo produzindo o “acarajé de Cristo” - como também as produções secularizadas nos *shopping centers* ou em pratos como os “*chips* de acarajé” um dos produtos resultante da fusão da culinária baiana e a gastronomia francesa presente no cardápio de um restaurante de luxo de Salvador. Embora a produção do acarajé e os demais produtos do tabuleiro da baiana ainda seja uma produção feminina, já existe um pequeno contingente de homens trabalhando no ramo. Nos restaurantes de comida típica baiana, os *chefs* de cozinha parecem estar ocupando cada vez mais espaço. Enfim, há um neotradicionalismo na culinária baiana que não está longe de criar versões *light* para contrapor a sua abundância calórica.

## Notas sobre a velha cidade da Bahia e a modernidade

Complexa tarefa é pensar nos processos da modernidade no Brasil e esta não é a intenção central deste trabalho. Apenas serão traçados alguns elementos que poderão auxiliar nas análises deste estudo. Pensar em modernidade é pensar na sua origem ocidental - européia - e, posteriormente, uma intensa participação americana - que circula pelo mundo. No Brasil, historicamente há uma forte tendência à valorização desta modernidade que “vem de fora” em detrimento da cultura brasileira. Há também um jogo relacional que perpassa por diferentes polaridades: estado unitário *versus* federação; nação *versus* região; unidade *versus* diversidade; nacional *versus* estrangeiro; popular *versus* erudito; tradição *versus* modernidade (Oliven, 2001).

Historicamente, muitas discussões sobre este tema no Brasil polarizam a presença dos resquícios da sociedade colonial e da escravidão que preservam, dentre outras coisas, as relações pessoais nas determinações das relações de poder. Este exemplo representa toda a construção de um imaginário para abrir as portas para uma modernidade sem precedentes, o que, de outra forma, significa uma descaracterização dos valores tradicionais, sempre associados ao

colonialismo e escravidão, sendo considerado como responsáveis pelo “atraso” que persiste no Brasil.

As relações pessoais, por exemplo, são reduzidas aos aspectos associados à manutenção dos privilégios das oligarquias enquanto que as relações profissionais, então modernas, são racionais e neutras, trabalhadas sob a égide dos princípios de igualdade, portanto, imunes aos processos de manutenção de privilégios que marcam as formas de relações anteriores. Tais polarizações persistem no imaginário brasileiro ainda que os movimentos sociais – mulheres, negros, homossexuais – discutam como estes princípios clássicos de igualdade não contemplam as diferenças; além da discussão sobre a humanização nas relações profissionais. Longe de defender as formas de relações estabelecidas no contexto colonial, é importante ressaltar que as relações modernas não têm sido capazes de modificar o quadro de desigualdade social no Brasil, ao contrário, acentuou.

Tais discussões parecem pautar na luta entre o bem – o moderno e o mal – o tradicional. Lógica que pode também ser vista ao contrário: o tradicional-popular reveste-se em uma aura de bondade, pureza, portanto, repleta de valores, e o moderno é diabolizado, vertente que tem crescido nos últimos tempos. Todavia, é importante lembrar que as emergências e valorizações das culturas locais no mundo contemporâneo são também produtos dos processos modernos e globais. Como ressalta Gruzinski (1999) este cenário é muito mais complexo, pois as reivindicações identitárias não são de tudo formas de rejeição da nova ordem mundial. Elas interagem com o mundo global na busca do espaço no mercado e na mídia.

A emergência das culturas locais no Brasil não só resultam dos fenômenos mundiais que permeiam este campo, como também se situam historicamente nas discussões entre o nacional e o local, onde o local ganha visibilidade após o processo de redemocratização do Brasil nos meados dos anos 1980. É neste momento em que se proclamam as vantagens da descentralização administrativa e financeira contra a intensa centralização política sofrida nos anos da ditadura militar e, com isso, a afirmação das identidades regionais, tendo cada qual destacando as suas diferenças em relação ao resto do Brasil (Oliveira, 2001).

As relações entre modernidades e tradições no Brasil, não só se associam às relações entre as regiões geográfico-administrativas como também pairam nos seios das grandes cidades. A cidade de Salvador, por exemplo, é marcada por uma intensa desigualdade, na qual a modernização alcança apenas alguns setores da sociedade.

Todavia, dentro das formas de relações sociais contemporâneas, os demais setores não ficam imunes ao processo. Há, por exemplo, o consumo “virtual” destas modernidades que as imagens e informações não cansam de divulgar seus produtos, além dos impactos econômicos e sociais e geográficos – oferta de empregos ou mesmo a perda dos mesmos, deslocamento das famílias das suas moradias a exemplo do processo de restauração do Pelourinho, perda de alguns espaços de diversão que eram valorizados publicamente de forma gratuita e passam a serem privados – como as ruas de Salvador durante o Carnaval, dentre outros inúmeros exemplos.

Como já vem sendo discutido, pensar na questão da modernidade e tradição no Brasil fatalmente nos remete a uma relação regional-geográfica na qual a Região Nordeste, em especial, é o lugar das tradições e o Sul-Sudeste, lugar da modernidade. Uma imagem que preserva um comparativismo dicotômico que é também utilizado para demarcar as diferentes identidades. Desta forma, estudar os aspectos sócio-culturais no Nordeste, em particular na cidade de Salvador, pode se confundir com o estudar o tradicional-popular, o que tanto interessou pesquisadores nacionais e estrangeiros. No entanto, este dispositivo binário não é suficiente para compreender a dinâmica dos dois espaços: os elementos tradicionais existentes na modernidade do eixo Sul-Sudeste do país e os elementos de modernidades presentes nas tradições do Eixo Norte-Nordeste.

Neste estudo foram focalizados os elementos traços da modernidade nas questões que dizem respeito ao corpo e ao comer na cidade de Salvador como uma espécie de pano de fundo para estes processos. Partiu-se então do pressuposto da existência de um processo de modernização em curso na cidade iniciado nos anos de 1950, e que nas últimas décadas se acentua drasticamente tomando, possivelmente, novos contornos.

Em verdade, os primeiros ímpetus de modernidade já aparecem nas primeiras décadas do século XX, nas tentativas de urbanização da cidade. Há um clássico exemplo da destruição da tradicional Igreja da Sé, palco dos famosos discursos do padre Antônio Vieira durante o século XVI, para possibilitar a circulação dos bondes no centro da cidade. Tal fato gerou inúmeras polêmicas, debates e repúdios nos meios intelectuais e jornalísticos. Todavia, estas iniciativas modernizantes pouco alteraram a configuração e a dinâmica da cidade. Após os anos depressivos entre 1920 e 1940, Salvador que tinha uma das menores taxas de crescimento populacional do país começa a crescer, desenvolvendo um planejamento urbano que irá definitivamente modificar os espaços da cidade com a construção de

novos prédios, avenidas e vales, ações que perseguiram as próximas décadas, em especial para o lado norte da cidade. Estima-se que entre as décadas de 1950 e 1980 o crescimento populacional de Salvador foi na ordem de 300% (Risério, 2004). Um verdadeiro inchaço urbano.

O espaço físico continua mais do que nunca com o seu processo de modernização. Em uma projeção para o ano de 2030, tomando por base o atual Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), estima-se a população de Salvador em 4,3 milhões de habitantes – atualmente, moram cerca de 2,7 milhões de pessoas na região metropolitana. É esse contingente que deve utilizar o sistema de transporte público integrado, facilitado por linhas do metrô de Salvador cortando os diversos bairros da cidade.

De uma cidade suja e fétida desde os tempos coloniais, Salvador hoje é uma cidade mais limpa quando comparada, e já foi considerada ao lado de Curitiba como um dos melhores serviços de limpeza após as ações desenvolvidas na década de 1990: – operações “bota-fora”, campanhas publicitárias, Projeto Bahia Azul; iluminação pública, sistema de transportes são investimentos importantes na cidade. É uma cidade que se embeleza: criação e reformas dos parques, fontes, dentre outros equipamentos. A palavra de ordem é a restauração: as paisagens e sua arquitetura colonial barroca, os sítios históricos não cessam de serem redescobertos e restaurados. A preservação histórica da cidade está cada vez mais no senso comum. As festas populares tradicionais e o carnaval também se reestruturam.

Um aspecto marcante nestas últimas décadas que tem em grande parte impulsionado estes processos de mudanças é a turistização da cidade tomando cada vez mais dimensões complexas e profissionalizadas. A imprensa local produz um número considerável de matérias relacionadas ao turismo. No discurso jornalístico, o termo “atrair turistas” entra no coração de inúmeros temas. Os investimentos na cidade para este fim sendo visto como bem em si e que deve ser promovido. O estímulo ao turismo compreendido como uma saída econômica para a cidade se desloca da chamada “alta estação” no período do verão e são estimuladas estratégias para o ano inteiro. Se por um lado, o turismo pode trazer vantagens econômicas para a cidade, por outro se vivencia o receio de que o mesmo seja um depreciador da cultura quanto à industrialização tem sido da natureza.

Aproveitando o momento histórico em que a busca do exótico, do diferente, do singular, marcam o fenômeno da valorização das culturas populares, a Bahia

pretende se engajar na modernidade não apenas assimilando símbolos, ícones da modernidade-mundo, mas também exibindo e vendendo os seus neste mercado mundial do turismo. Acresce-se ainda que, não somente na questão do turismo, mas também em outros setores, Salvador investe em um engajamento direto com a modernidade-mundo não desejando mais ficar restrito àquelas advindas por intermédios dos centros mais desenvolvidos do país. Vejamos alguns exemplos deste suposto processo de “internacionalização” da cidade.

A história da cidade tem sido recontada e, como jamais visto anteriormente, divulgada pelos meios de comunicação e eventos. Dois pontos podem ser destacados como ilustração. Primeiro, a história da Independência da Bahia em que uma certa polêmica gira em torno do reconhecimento da sua importância no processo da Independência do Brasil. Vale lembrar que a sua comemoração, mais importante para os baianos do que as comemorações da Independência do Brasil, onde foram travadas batalhas e guerras que perduraram 10 meses – é marcada por uma intensa festividade popular e oficial girando em torno da figura simbólica do Caboclo. A outra história é sobre a Baía de Todos os Santos. As informações contidas no Site Oficial da Prefeitura de Salvador, em abril de 2005, cujos dados turísticos da cidade são muitos, observa-se a valorização do papel da Baía de Todos os Santos no contexto internacional das grandes navegações até o século XIX, em que o Porto de Salvador era parada obrigatória para os navios que navegavam pelo mundo mercantil. Em um viés de leitura coloca a importância da cidade para o mundo, ainda que de forma marginal.

Em abril de 2005, foi anunciado pela imprensa local que o Elevador Lacerda irá abrigar o escritório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Na ocasião da assinatura do acordo de cooperação entre a Prefeitura da cidade e a representação da ONU, o prefeito da cidade, João Henrique Carneiro, anunciou: “O Elevador agora passa a ser um elo de ligação entre Salvador e uma rede internacional que luta pela igualdade social e racial”. A idéia de ser uma referência da luta contra o racismo e colocar a cidade no cenário internacional deste processo é uma busca dos dirigentes municipais e estaduais. Como consequência deste acordo, uma série de eventos internacionais será realizada na cidade de Salvador (Carvalho, 2005).

Aliado a isso, tem-se o turismo de negócios que está sendo estimulado como uma estratégia de manutenção da atração dos turistas para o período de “baixa estação”. Em 2006, estão previstos cerca de 80 eventos nacionais e

internacionais na cidade com a expectativa de 80 mil turistas visitando a cidade por conta destes eventos.

Quem vive na cidade e está atento às agendas culturais percebe que não cessam as inaugurações de restaurações de monumentos, museus e outros equipamentos culturais – como a Santa Casa de Misericórdia em janeiro de 2006, considerada a segunda em importância no mundo e ainda neste mesmo ano, o Museu do Rodin que tinha a sua inauguração prevista em Salvador, o que seria o primeiro museu internacional na América Latina. Uma cidade que historicamente não era habituada a uma “vida noturna”, vê as noites baianas repletas de opções culturais – o teatro baiano que se fortalece, “barzinhos”, shows, concertos das mais diversas correntes musicais, que se convencionou em chamar de “circuito alternativo” voltado para um público “mais seletivo” - se estruturam e disputam espaços com a chamada indústria do axé, carro chefe de atração turística.

O próprio carnaval que sempre foi capitalizado pelo som das guitarras elétricas nos trios elétricos e dos tambores dos blocos afros e, mais recentemente, o movimento musical denominado *axé music*, abre as portas para uma diversidade de ritmos musicais: rock, música eletrônica, assim como outros ritmos nacionais e latinos. Além disso, o Carnaval Baiano tem sido exportado para várias cidades, não apenas no Brasil como no exterior, a exemplo da cidade de Barcelona. Os produtos do carnaval – a música, CDs, DVDs, shows e os “ensaios”, etc., que fazem parte da chamada “economia do axé” -, não são consumidos apenas nos sete dias de festa na capital baiana. Há uma “carnavalização” do calendário anual tendo a semana oficial da folia momesca apenas como o ápice da festa.

Referindo-se a festa, Salvador mantém ainda uma tradição do encontro das corporalidades nas ruas, nos espaços públicos expressos, sobretudo, no carnaval e nas festas populares. As tradicionais “Festas de Largo”, ligadas a um calendário específico religioso, mas que não perde o seu caráter carnavalesco, talvez com resquícios da cultura do catolicismo popular ainda dos tempos medievais, ainda animam baianos e turistas e estão no alvo dos investimentos turísticos. Todavia, à medida que a cidade se moderniza, as festas também se tornam mais complexas, criam espaços segmentados e privados como se vêm nas festas do Bonfim e da Conceição – Bonfim *Light* e Conceição *Light*, por exemplo, que trataremos mais adiante, modificando o seu caráter estrutural. As recentes mudanças no carnaval baiano e as suas polêmicas “cordas” é um importante exemplo deste processo.

Todavia, a imagem de que “tudo acaba em festa” termina trazendo inúmeros conflitos até de ordem judicial. A polêmica em torno da paisagem sonora da cidade, por exemplo, marcam, para uns, uma cidade “barulhenta” com os ímpetos da modernidade que cultua o silêncio como bem supremo universal e, para outros, uma cidade “festiva” com a sua música que se espalha por todos os espaços desafiando a ordem com os corpos não param de mexer e de cantar.

Entretanto, tais movimentos em torno da “turistização” que podem ser importantes para a preservação histórica da cidade, para as afirmações identitárias do local dentre outros fenômenos considerados positivos para um povo; eles também podem servir para serem vendidos através do turismo. Salvador, seu povo e sua cultura se tornam cada vez mais produtos mercadológicos a serem exportados.

Longe dos olhos dos turistas, especialmente dos mais desatentos, existe uma outra cidade que não acompanha, ao menos na mesma velocidade ou da mesma maneira, estes processos modernizantes que, por exemplo, a recente produção cinematográfica de Sérgio Machado, *Cidade Baixa*, título bastante sugestivo, procurou exibir em telas. As “periferias” da cidade moderna clamam pela atenção pública, pelos atendimentos dos equipamentos básicos para a sobrevivência – acesso à água, energia elétrica, esgotamento sanitário, postos de saúde, dentre outros. Um relatório da ONU indicou que a promoção cultural da identidade africana na Bahia não se traduz na promoção de igualdade no plano político, social e econômico. Mesmo sendo inegável que tais iniciativas geram algum nível de emprego e renda para a cidade, vale ressaltar que a distribuição dos mesmos preserva a tradição da desigualdade que marca esta cidade brasileira: os soteropolitanos mais pobres, em sua maioria, ficam com o subemprego, os cargos mais inferiores, vivem na “cidade baixa”, submersa aos ímpetos modernos (Doudou..., 2005).

Desta forma, sob o signo do turismo, da preservação da cultura afro-brasileira e do lema da “economia que mais cresce no país”, a Bahia e sua capital, Salvador, recontam a sua história, reinventam as suas tradições e exibem nas telas nacionais e internacionais procurando se colocar neste mercado competitivo do turismo e das cidades históricas. No entanto, carregam consigo uma das maiores desigualdades sociais do país.

Os retratos desenhados no plano estético-cultural da cidade que os precursores do Tropicalismo pintaram ainda vivem. A “criança sorridente feia e morta” que estava no joelho do monumento antropomorfizado pelo cantor e compositor Caetano Veloso na canção mais representativa do movimento,

*Tropicália*, ainda “estende a mão”. Ou ainda, a “estética da fome” imortalizada pelo Cinema Novo, tendo o cineasta baiano Glauber Rocha como um dos principais expoentes, que procurou confrontar uma outra realidade brasileira frente a um país que se modernizava. A dupla realidade persiste.

Perpassando por este assunto, vale ressaltar o destaque de Risério (2004) em que entre os anos de 1950 e 1970, não só foram marcados pelo processo de atualização urbano-industrial, mas também por um processo de modernização cultural que nascem do “entrelaçamento cultura boêmia e a cultura universitária” (2004, p. 529). A então Universidade da Bahia que se instala aos finais dos anos 1940 e, por intermédio do Reitor Edgard Santos, imbuído do desejo de “recolocar a Bahia no mapa do Brasil”, potencializa, dentre outras ações, a área das artes que toma uma conotação e estímulos particulares. É deste frutífero momento que os precursores do movimento tropicalista emergem reatualizando o manifesto antropofágico de Oswald de Andrade, vestindo a camisa da contracultura, dispondo suas ambigüidades entrelaçadas dos fragmentos tradicionais e modernos que marcam o Brasil da época em suas paródias em relação ao ufanismo nacionalista.

Dentro deste processo cultural, ressaltam-se os traços barrocos que percorrem a história cultural baiana e brasileira que Risério (2004) aponta Gregório de Matos e os negros bantos, dentre outros aspectos, como elementos fundamentais que irão delimitar a autonomia estético-cultural da cidade da Bahia e seu Recôncavo no século XX, dentro de um mundo afro-barroco.

Assim, Salvador da Bahia trilha o seu percurso histórico. Como mais uma vez lembra Risério (2004), a Bahia de Jorge Amado e Dorival Caymmi já não existia frente à Bahia de João Gilberto e Martha Rocha, que por sua vez abriu espaço para a Bahia “Tropicalista” de Caetano Veloso e Glauber Rocha. Paira hoje uma Bahia mergulhada na indústria do *axé-music*, com um alto grau de profissionalização, de um lado, e de outro a busca do resgate histórico da sua cultura e suas raízes.

Neste momento de modernização, aspectos interessantes podem ser ressaltados. O primeiro já referido é a tentativa de entrar no cenário internacional “sem intermediários”. Com os avanços especialmente nos campos de comunicação, os signos de modernidades não necessariamente precisam passar pelo eixo Rio de Janeiro - São Paulo para chegar às cidades do Nordeste. Salvador tem trocado informações com outras cidades internacionais em uma relação mais direta na busca deste engajamento na modernidade-mundo.



A capital baiana tem exportado a sua imagem de cidade histórica, cidade hedônica, cidade da cultura negra, e outros ícones, como jamais visto anteriormente. O seu carnaval e os seus produtos como também músicos que fazem mais sucesso na Europa do que no Brasil como Carlinhos Brown e o espetáculo musical-barroco do cantor e compositor Tom Zé. Além da capoeira, samba de roda – agora patrimônio histórico-cultural –, as famosas “fitinhas” do Senhor do Bonfim têm seus nós desatados dos braços dos fiéis à espera da realização dos seus pedidos ao padroeiro da cidade, e entrado na moda de forma secularizada, ornamentando bolsas, tecidos e bijuterias vendidas no Brasil e no exterior.

Segundo, a idéia de promover a sua própria cultura, atrair turistas e exportar os seus bens simbólicos e culturais modificam as relações anteriormente vivenciadas de um predomínio da importação de bens e ícones culturais e artísticos. Embora este processo de importação esteja cada vez mais sólido, a promoção da própria cultura – que também se qualifica dentro do consumo próprio entre os baianos – se concretiza. Possivelmente, estes fatos também podem modificar a noção do “desenraizamento”, elemento fundamental para a inserção no mundo moderno, uma vez que são nas próprias raízes que a cidade busca os elementos para serem projetados neste cenário internacional. Trata-se de um jogo complexo e paradoxal.

Tais delongas são para situar que, entre a cidade criada para ser vivida pelos turistas e outra vivida pelos seus moradores, há uma circulação de corpos ainda que segregados que experimentam a cidade, a partir dos seus espaços específicos. Como diz o compositor Riachão: “cada macaco no seu galho”. Os soteropolitanos trazem nos corpos as marcas históricas, como se fosse um ‘arquivo vivo’ da história soteropolitana, no sentido que Vigarello (2000) aponta.

Como estas problemáticas do corpo e do comer se conformam, tendo como pano de fundo a dinâmica da cidade de Salvador, como interagem com as suas peculiaridades, como dominam, resistem e negociam esta sobrevivência é o que interessa deste cenário para contextualizar este estudo. Retornaremos a alguns pontos no decorrer dos capítulos.

## **O segundo recorte: os corpos em movimento**

Um dos critérios estabelecidos para selecionar os entrevistados foi que os mesmos estivessem vivenciando experiências corporais em alguma prática de atividade física. As academias de ginástica foram o espaço escolhido para

selecionar os participantes do universo empírico da pesquisa. Tal decisão foi tomada levando em conta que os freqüentadores das academias, de alguma forma e em algum momento das suas vidas, decidiram trabalhar os seus corpos seja por ordem estética e/ou por questões de saúde ou ainda a busca de um bem estar. Logo, esperava-se que as questões de estudo supostamente estariam sendo levantadas pelos sujeitos de alguma maneira, implícita ou explicitamente.

Partilhando da idéia de Castro (2003), este estudo considera que as academias de ginástica estão se constituindo em espaços privilegiados de sociabilidade no mundo contemporâneo e que também participam da construção de um estilo de vida. Atualmente, “freqüentar academia” – ou “fazer academia” como é comumente dito - não representa uma prática restrita a pequenos setores de jovens das classes médias e altas. Estes equipamentos sociais têm se expandido, particularmente nos espaços dos setores urbanos - incluindo os bairros populares -, como também têm diversificado em relação às modalidades de trabalho corporal que atendem diferentes estilos de vida, de diferentes gerações.

No entanto, cabe ressaltar que este estudo não é um estudo sobre freqüentadores de academias de ginástica. O espaço das academias se configura mais como um “pretexto” para selecionar os entrevistados do que o espaço real da pesquisa. Um pequeno número dos entrevistados não estava freqüentando academia de ginástica ou por que havia interrompido as atividades entre o momento de convite à entrevista e a realização da mesma, ou porque se tratou de uma indicação que gerou interesse, independente de freqüentar academia. Contudo, estes entrevistados desenvolviam alguma atividade por conta própria como caminhadas.

Desta forma, foram eleitas duas academias, uma situada em um bairro de classe média e outro em um bairro popular. Partiu-se do pressuposto de que os freqüentadores tenham algum vínculo com as correspondentes camadas sociais sejam em termos materiais ou em termos simbólicos.

## **O terceiro recorte: a construção do corpus da pesquisa**

O *corpus* central da pesquisa foi o universo empírico construído a partir das entrevistas com mulheres e homens adultos que praticavam, de alguma forma, atividade física. Foi cogitada no decorrer do trabalho de campo, a inclusão de mais um grupo que seria considerado o “grupo da resistência”. Este grupo

seria daqueles que se recusam de alguma maneira a redirecionar as suas práticas corporais e a sua dieta alimentar. Neste estudo, considera que tais indivíduos utilizam uma outra interpretação sobre estes riscos, concepção que distancia da idéia da “falta de informação”, “falta de esclarecimento” e outras terminologias muito utilizadas tanto pela sociedade em geral como pelos profissionais da saúde. Acredita-se que grande parte da sociedade possui acesso de alguma forma às novas recomendações destinadas a uma vida saudável, sem necessariamente colocá-las em prática. No entanto, em função dos limites operacionais, tal proposição foi excluída.

Na tentativa de ampliar o estudo para o contexto da cidade de Salvador, a pesquisa também foi subsidiada por outros materiais tais como notas de observações etnográficas diversas sobre o cotidiano da cidade, sobre conversas informais, imagens, *outdoors*, anúncios publicitários, romances, crônicas, memórias, Internet, produções cinematográficas, artigos de jornais e revistas, materiais de divulgação científica, produções artísticas, provérbios populares, enfim, todo material que se referisse de algum modo ao tema estudado, particularmente os produzidos e/ou veiculados na cidade em estudo. Muitos entraram no corpo do texto, outros auxiliaram na reflexão sobre o tema, e outros ficaram reservados para um outro momento. Tal tarefa exigiu uma atenção peculiar sobre o cotidiano na cidade em todo o momento em que circulava por ela nos seus diferentes espaços. Esta parte do *corpus* não se constituiu em apenas uma parte complementar, este foi um material essencial para a ampliação da análise uma vez que se trata de um objeto de estudo essencialmente contemporâneo, intensamente presente na vida social dos sujeitos e com uma ampla dinamicidade.

As entrevistas semi-estruturadas foram centrais na produção dos dados. O propósito foi produzir uma descrição/narrativa sobre as experiências corporais - no que tange à atividade física em especial - e alimentares. Teve-se em mente que as experiências não estão reduzidas às narrativas, mas estas últimas são modos de acesso às primeiras. Partiu-se também do princípio de que os discursos produzidos, não são produtos acabados e sim construções, momentos de elaboração, que emergem da inter-relação estabelecida na situação da entrevista e não apenas dados *per si* da realidade vivida.

Foi realizado um total de 24 entrevistas sendo 12 mulheres e 12 homens dentro da faixa etária de 19 a 51 anos de idade, oriundos das camadas médias e populares o que resultou em um total de 427 páginas transcritas, o que se constituiu em um grande desafio de trabalho.

O trabalho com as entrevistas foi realizado simultaneamente com as buscas de outras informações documentais e as leituras teóricas sobre o tema. A problematização das questões foi se desenvolvendo progressivamente nestes processos de ida e vinda entre a teoria e a prática, o local e o global, o individual e o coletivo, ou seja, os esquemas conceituais sobre o tema e a escuta e leitura dos materiais triangulados, produzindo assim os capítulos que seguem.

## Notas

<sup>1</sup> Trata-se de uma analogia às alusões que Sant'Anna (2002) faz em relação à capacidade de transformar a alegria em euforia perpétua a serem experimentados pelos corpos na busca de prazeres ilimitados.

<sup>2</sup> Correio da Bahia, 19 abril 2005. Elevador Lacerda será o elo de ligação entre Salvador e a ONU.

<sup>3</sup> Matéria veiculada no TV Revista, da TV Educadora, IRDEB, em 16 março 2006.